

VIAGEM

Monica Mansur

FANTÁSTICA

Imagem mágica...

Imagem (imaginação), paisagem pessoal e inventada, formada pela luz, pela memória, construção fisiológica e mental.

Quando produzi uma fotografia com uma pinhole pela primeira vez, me senti como um navegante português ou espanhol, cortando os mares e chegando às costas virgens das Américas: uma “paisagem” nunca vista foi me trazida pela luz, capturada numa “caixa preta”, e esta impregnou uma superfície fotossensível e se descortinou – ou melhor, neste caso, revelou-se – imersa dentro da bacia no meu laboratório fotográfico. Gravura feita de luz...

A partir deste momento, fui fisgada.





Meu pensamento não parou mais de perguntar, de responder, de alucinar, de descrever e de instigar infinitas prosas, versos, raciocínios, ao mesmo tempo em que eu continuava a construir, desmontar, inventar, perfurar e descobrir mil possibilidades de captura de imagens sem nenhuma mediação mecânica ou eletrônica.

Até ali, eu vinha trabalhando com questões voltadas para a impossibilidade do real na representação, quando imagens não eram nada mais que um momento visual, uma “presentificação”, um estar presente, sem a referência da matéria: ou seja, imagens somente imagens. Meus objetos de estudo eram imagens resultantes daquilo que as máquinas e programas virtuais dos impulsos, ondas, ecos ou radiações traduziam quando o corpo humano é exposto a estes estímulos. Ou seja, eu trabalhava com imagens resultantes de exames da medicina diagnóstica. Com elas, montei instalações, construí objetos e produzi vídeos, na tentativa de seduzir visualmente o observador e criar gatilhos intelectuais.

Como percebi que o mundo era refém de uma estética da repetição, do olhar fácil, do reconhecimento automático de um código visual comum e universal, do esvaziamento do significado imagético, da infinidade de estímulos recebidos pelo olho do ser humano e a consequente deterioração da capacidade de intelectualizar a imagem, fiz o espectador parar e pensar no poder da imagem como momento presente, único e original, mesmo sendo esse procedimento totalmente ineficaz para *apresentar* uma realidade única, verdadeira, original.

Meu trabalho caminhava, então, cada vez mais, para a tentativa de apresentar essa determinância na construção de uma situação de arte na presença da qual o espectador fosse levado a se dar conta de que existe pensamento possível, ainda, na visualização de imagens – por meio de imagens que não fossem de apreensão, compreensão e decodificação imediatas.

O material visual – “refotografias” de um referente inexistente, um corpo humano reinventado, qualquer, anônimo, inerte, desindividualizado – continha significado somente no momento artístico, deslocado da sua especificidade, mas ressignificado pelo poder da intenção do artista. Esta série de trabalhos eu batizei, agora vejo que não por acaso, de *Paisagens Cristais* (utilizei o adjetivo no sentido deleuziano), definindo a visão de um campo imagético que só existe no momento em que é visualizado por um espectador, como um todo (Gilles Deleuze cunhou o termo “imagem cristal” para falar de cinema, junto com “imagem em movimento” e “imagem tempo”).

Quando passei a utilizar o instrumental do pinhole vislumbrei outra forma de discutir essa questão artística na produção de fotografias. A fotografia estenopeica reafirma e traz de volta a consciência da realização de um desejo de satisfação; um desejo não mais só do controle do sentido da visão como elemento predominante no processo de organização das experiências humanas (adquirido com o aparecimento da técnica fotográfica), mas de recuperação da memória e da experiência intelectual que na contemporaneidade se encontra imersa num processo social de constante produção e reprodução de imagens – processo este alienante de pensamento crítico sobre a mediação da realidade, ou mesmo da existência de realidade...

“Fotografia”, por definição, é essencialmente a técnica de criação de imagens por meio de exposição luminosa, fixando essas imagens em uma superfície sensível. Significa “*desenhar com luz e contraste*”. É, como aponta Vilém Flusser, o “marco tecnológico” do começo de imensa e ampla revolução cultural no mundo humano, pois permite ao homem reorganizar sua imaginação sobre o planeta, partindo de simulações codificadas matematicamente que projetavam, sobre superfícies planas, representações de profundidade.

Por “imagem” entendemos aquilo que imita pessoa ou coisa, semelhança, representação, impressão de um objeto no espírito/imaginação, representação na memória... Imaginação é, ainda seguindo Flusser, a “*capacidade de fazer e decifrar imagens*”.

“Realidade” seria o ajuste que fazemos entre a imagem e a ideia da coisa, entre verdade e verossimilhança. A problemática da realidade é matéria presente em todas as ciências e, com singular importância, aparece nas ciências que têm como objeto de estudo o próprio homem; a antropologia cultural e todas as que nela estão implicadas (a filosofia, a psicologia, a semiologia e muitas outras), além das técnicas e das artes visuais. Significa, em uso comum, “*tudo o que existe*”. Em seu sentido mais livre, realidade inclui tudo o que é, seja ou não perceptível, acessível ou entendido pela ciência, filosofia ou qualquer outro sistema de análise.

“*Paisagem até onde a vista alcança*”, a linha do horizonte é o parâmetro. Definitivamente relacionada com a visão, ela não pode ser determinada como única ou verdadeira, ou mesmo descrita como realidade. “Paisagem” é extensão de território que se abrange num lance de vista; panorama, vista. Natural ou urbana.

Já que sempre encontrei no meu trabalho alguma referência à paisagem como conceito, percebi que passei a pensar nele com mais frequência ao analisar as minhas paisagens capturadas com diferentes câmeras pinhole.

Em minha série *Panoramas Imaginários*, fotografias captadas por uma pinhole em filme 120, o negativo recebe por inteiro a imagem trazida pela luz, mediante várias exposições que acontecem durante o deambular do fotógrafo. As imagens não são panoramas verdadeiros, são as possibilidades imaginárias do olhar a passeio, são imagens cristais, imagens em si, não paisagens; são afirmações do significado de paisagem como imagem e como conceito. São o ir e vir, a sobreposição, a dupla exposição, a inclinação. São a

construção de uma paisagem inexistente, inventada; impressões, imitações, ficção. São imagens de um tempo sobreposto, composto, paradoxal e recuperado, passeio num tempo indefinido, volta ao passado e imersão no futuro... Meus *Panoramas Imaginários* determinam o reconhecimento de uma eterna viagem fantástica – vou até onde não se pode ir, vejo o que não se pode ver... e mesmo que pudesse, não existe o que penso ver.

Assim, a paisagem é um pretexto, uma metáfora, uma redundância, uma construção... um paradoxo...

Encontrar na mágica a solução para o problema artístico, esta é uma das nossas funções. Ao descortinar a minha paisagem pessoal e única pelo buraco da agulha, descobri o segredo: na distância entre o olhar e a paisagem, nos acontecimentos fotográficos provocados neste espaço sem mediação, encontrei a verdadeira natureza da questão conceitual; a percepção da paisagem é o momento da luz carregando a imagem, imprimindo a superfície tal qual a retina, duplicando estereoscopicamente a marca deixada num rastro imperceptível, imóvel, atemporal, impregnado de memória, de passado, um indefinível presente, infinito futuro.

As questões artísticas que transitam pelo meu trabalho, e que me interessam, são infinita e definitivamente apresentadas graças às condições próprias do meio (fotografia pinhole), em que o observador é levado à dúvida e, conseqüentemente, ao pensamento e ao questionamento. Não há sentido completo ou mesmo fechado – não há sentido nem único nem final. A experiência visual indescritível – uma cor é luz, seu nome é uma só palavra – pode ser encontrada na irregularidade das linhas, nas diferentes intensidades luminosas, nas perspectivas incompatíveis, nas proporções improváveis.

Paisagem inventada e infinita, ela é construída pelo ir e vir, pelo passado/presente da presença da luz. As paisagens resultam em faixas

de imagem que sugerem um horizonte não linear. O estudo da linearidade, ou da construção deste novo horizonte, imaginário, é feito pelo movimento do olhar e do passear do fotógrafo. Neste *flanar* ecoa o caçador das narrativas, como um dos observadores da paisagem, juntamente com o espectador (o sujeito/fotógrafo dá lugar ao sujeito/observador/espectador. O fotógrafo abdica do lugar de sujeito e passa esse lugar para quem olha...). Minhas fotografias são a remontagem da imagem inventada captada pelo trajeto da luz e devolvida ao espectador de maneira cinematográfica: refazer a imagem, fazer um “repasseio”.

Como a fotografia, em tese, contém um elemento narrativo, o movimento, o passeio e/ou caminho do olhar e o deambular do sujeito aparecem nas fotos, desta vez inventados pelo espectador; o trajeto da luz carregando o momento e as formas, esgueirando-se pelo buraco da agulha e desenhando a paisagem que se apresenta num instante único; invenção. Novamente, ficção. E como ficção não atesta a verdade, nunca o fez, cria uma imagem, inventa irrealidades, expande-se, e mesmo estática a imagem se movimenta.

O sujeito/fotógrafo controla o caminho e a narrativa, embora sem muito planejamento, pois o tempo não existe no movimento não captado pelo buraco da agulha. O sujeito/fotógrafo controla a paisagem, na medida em que a constrói sem ser controlado pelas imagens. Daí a opção pelo pinhole. A fotografia digital tem seu lado controlador, a alta tecnologia obriga à perfeição. O pinhole capta a imagem inerte, o não movimento, um tipo de “para sempre”. Diferente do congelar do instante fotográfico, a câmera captura mais o exato que o instante, aquele instante que é mais longo, construído pela imagem captada e prolongado no movimento de ir e vir do fotógrafo/sujeito.

Ao observar uma fotografia de Cartier Bresson, automaticamente forma-se uma historinha na mente do espectador. O que terá ocorrido antes e depois da tomada da foto aparece como um

pop up, narração em palavras, palavras formando frases, frases encadeadas construindo sentido, literatura, ficção, roteiro, sei lá... Minha intenção, porém, é estabelecer uma narrativa, sim, mas não formada pelas palavras e pelo sentido que elas poderiam construir. A ideia é que o próprio olhar contenha uma linguagem em si, como se fosse montada num alfabeto particular, abstrato, sem símbolos predeterminados ou significados passíveis de tradução, decodificação ou conceituação.

Sem dúvida, um paradoxo: tentar aqui descrever em palavras algo que não poderia ser nem mesmo pensado (o pensamento é formado por palavras...), muito menos verbalizado, articulado dentro do conceito.

Em minha fotografia capturada em câmera escura, através de um buraco de agulha, tudo a respeito da formação da imagem aparece no resultado final: a forma como a luz carrega a imagem para depositá-la na superfície fotossensível, sem intermediações ou correções, em processo análogo à forma como o olho recebe o corpo de informações visuais que irá se compor no cérebro e determinar um objeto imaginário. O olho vê a imagem pensada: mostro uma imagem que só existe na ficção do “olhar mental”.

A possibilidade de as formas se repetirem numa mesma paisagem, de uma imagem ser feita de muitas, de várias fontes de luz, muitos sóis e luas emitirem seus raios, da linha do horizonte não ser horizontal, mas só imaginária, de todo o espaço estar em um mesmo alcance (foco): estas são as instâncias *verbais* impregnadas na minha paisagem. Porém, mais do que isso, ela é o convite para remontar a imagem, dissolver a luz, para possibilidades visuais impossíveis e infinitas.

Numa fotografia capturada pela câmera pinhole, a captura da imagem faz do processo todo um fascinante mergulho no indescritível, no indizível, no invisível, na (provavelmente) mais pura aventura visual... viagem fantástica.



